

Narrativas quilombolas: dialogar – conhecer – comunicar

Caderno de Atividades



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Narrativas quilombolas: dialogar – conhecer – comunicar

Caderno de Atividades

Carmen Lucia Campos

Organizadores

Renato Ubirajara dos Santos Botão

Silvane Silva

São Paulo

2017

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR

Geraldo Alckmin

VICE-GOVERNADOR

Márcio França

SECRETÁRIO DA EDUCAÇÃO

José Renato Nalini

SECRETÁRIA ADJUNTA

Cleide Bauab Eid Bochixio

CHEFE DE GABINETE

Wilson Levy Braga da Silva Neto

COORDENADORA DE GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Valéria de Souza

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO CURRICULAR E GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Regina Aparecida Resek Santiago

DIRETOR DO CENTRO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO

Cristiano de Almeida Costa

NÚCLEO DE INCLUSÃO EDUCACIONAL

Carolina Bessa Ferreira de Oliveira

Julieth Melo Aquino de Souza

Renato Ubirajara dos Santos Botão

COORDENAÇÃO, ELABORAÇÃO E REVISÃO DO MATERIAL

ORGANIZAÇÃO

Renato Ubirajara dos Santos Botão
Silvane Silva

REALIZAÇÃO

Núcleo de Inclusão Educacional

AUTORES

Acácio Sidinei Almeida Santos
Sérgio Augusto Queiroz Norte

ELABORAÇÃO DAS ATIVIDADES

Carmen Lucia Campos

TRANSCRIÇÃO DAS NARRATIVAS

Camila Matheus da Silva

EDITORIAÇÃO DAS NARRATIVAS

Bóris Fatigatti

GRUPO DE REFERÊNCIA NA REALIZAÇÃO DAS RODAS DE CONVERSA NAS COMUNIDADES

Amador José Marcondes Garcia - DE Caraguatatuba
Aparecida de Fátima dos Santos Pereira - DE Registro
Cleonice Maria Vieira- DE Votorantim
Ilza Looze - DE Apiaí
Jefferson Roberto de Castro - DE Apiaí
Maria Helena Zanon Salvador - DE Registro

Fotos da capa: EE Cangume, EMEF Bairro Bombas e EE Maria Antônia Chules Princesa |
©Acervo NINC/SEE-SP.

SUMÁRIO

Sumário

Prefácio	7
Narrativas quilombolas - Caderno de Atividades	11
Antes de mais nada	15
Durante a leitura	19
Língua falada X língua escrita.....	19
Noções temporais.....	19
Noções espaciais.....	20
Atividades lógico-matemáticas.....	20
Apresentação	23
Africanos no Brasil	29
Para além da sala de aula – Parte 1	30
Para além da sala de aula – Parte 2	30
Capítulo 1 – Quilombos, comunidades de valores	51
Praticando a escuta de narrativas	53
Ampliando horizontes.....	54
Capítulo 2 – Memória coletiva	59
Para além da sala de aula.....	61
Capítulo 3 – Práticas culturais	63
Capítulo 4 – Valores civilizatórios	69

Prefácio

Em março de 2012 ingressei no Núcleo de Inclusão Educacional da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, com a responsabilidade de implementar as Diretrizes Nacionais para Educação Escolar Quilombola, juntamente com o professor Renato Ubirajara. Para esta difícil tarefa iniciamos os trabalhos com uma reunião com as lideranças das comunidades quilombolas de Eldorado na EE Maria Antônia Chules Princesa. Nesse momento a preocupação das lideranças era com a falta de material didático que contasse a história das populações negras no Brasil, em especial as histórias dos quilombos, de uma maneira que valorizasse o direito à posse e permanência na terra, bem como os modos de vida quilombola. Foi então que decidimos registrar as histórias das comunidades para que fossem utilizadas como recurso didático. Ouvimos as/os quilombolas por meio de “rodas de conversa” em 13 comunidades quilombolas do Estado de São Paulo. Deste primeiro contato resultaram mais de 60 horas de gravações em áudio. As conversas foram transcritas e selecionados os temas que mais apareceram: terra e território, valores, identidade, festejos e personagens importantes. Convidamos dois professores doutores especialistas em História da África e História Afro-brasileira para escrever textos introdutórios às narrativas, Acácio Almeida e Sergio Norte e a professora Carmem Lucia Campos, com vasta experiência na publicação de paradidáticos, para elaborar atividades com base nas narrativas.

Consideramos um passo importante a publicação desse material não apenas por possibilitar mais subsídios didáticos para as/os educadoras/es que trabalham com estudantes quilombolas, mas principalmente para que as/os próprios estudantes possam se apropriar da história das/dos suas/seus mais velhas/os não como folclore ou lenda, mas como História do Brasil com H. Na historiografia brasileira são poucos os trabalhos que falam dos quilombos contemporâneos, como se estes tivessem ficado congelados no passado. As comunidades quilombolas estão aí presentes, mais vivas e potentes do que nunca. São mais de 5 mil no Brasil e mais 80 no Estado de São Paulo. Essa história precisa ser conhecida e valorizada por todos as/os estudantes e educadores/as.



Muito ainda está por ser feito na implantação das Diretrizes Nacionais para Educação Escolar Quilombola: construção de escolas, formação de professores quilombolas, legislação específica para o funcionamento das escolas quilombolas. Para tratar dessas questões foi criado o Conselho de Educação Escolar Quilombola do Estado de São Paulo. Como diz o poeta “um passo à frente e não estamos mais no mesmo lugar”. Que venham muitos mais materiais didáticos construídos juntamente com as/os quilombolas.

Seu Ditão, griô do Quilombo Ivaporunduva, sempre nos ensina que em se tratando de quilombo não existe o eu, existe o nós. Portanto, meus mais sinceros agradecimentos a todas as/os quilombolas que fizeram e fazem História e que generosamente compartilharam algumas dessas histórias conosco. A Renato Ubirajara, parceiro de todas as horas, aos especialistas que gentilmente cederam seus conhecimentos: Acácio Almeida, Sergio Norte, Carmen Lucia Campos, Bóris Fatigatti que realizou a editoração das narrativas, Camila Matheus que realizou exaustivo trabalho de transcrição. Às educadoras e aos educadores que colaboraram para a realização desse material nas Diretorias de Ensino das regiões de Apiaí, Caraguatatuba, Registro, Votorantim e no Núcleo de Inclusão Educacional (NINC) da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. À Imprensa Oficial pela edição final. E também à professora Maria Elizabete da Costa e Sergio Roberto Cardoso que acreditaram no projeto de publicação quando era ainda apenas uma ideia.

Silvane Silva



©Genivaldo Carvalho de Lima

Quilombo Galvão - Eldorado - SP.



©Genivaldo Carvalho de Lima

Quilombo São Pedro - Eldorado - SP.

Narrativas quilombolas: dialogar – conhecer – comunicar

Caderno de Atividades

O presente material tem como objetivo subsidiar professoras/es e alunas/os a aprofundarem a leitura do livro *Narrativas Quilombolas*. E como anuncia o subtítulo do livro – *dialogar, conhecer e comunicar* – também foram princípios que nortearam a elaboração das propostas aqui apresentadas.

Para atender a um público amplo e heterogêneo, como são as/os alunas/os de 6º ano do ensino fundamental II até as/os das séries iniciais do ensino médio, alvo dessa publicação, foram pensadas atividades e sugestões complementares com diferentes níveis de complexidade.

As atividades para cada parte do livro foram elaboradas, observando-se dois níveis:

- para leitoras/es com fluência de leitura e expressão oral, capazes de compreender e interpretar diversos tipos de linguagem e estabelecer paralelos entre o conteúdo visto, suas trajetórias pessoais e o meio em que vivem
- para leitoras/es mais experientes, capazes de refletir, discutir, argumentar sobre os conteúdos lidos, perceber as relações entre passado e presente e analisar criticamente a realidade

Dependendo do perfil das/os alunas/os e do seu planejamento didático, a/o professora/or pode optar por trabalhar apenas as propostas de nível mais simples aqui apresentadas, ir direto para as mais complexas ou aplicar ambas, em uma sequência gradual de aprofundamento na abordagem do conteúdo.



Deixamos para a/o educadora/or, que é quem realmente conhece sua realidade – dentro e fora da sala de aula –, a decisão de escolher as propostas mais indicadas para suas/seus alunas/os, e, sempre que desejar, adaptá-las às suas necessidades.

Fontes de pesquisa acessíveis e obras artísticas relacionadas ao conteúdo abordado são indicadas para as/os alunas/os obterem um melhor resultado das atividades desenvolvidas. Ao final de cada bloco de propostas, relacionamos outras fontes, como de sites, livros, filmes, instituições etc. que podem enriquecer ainda mais suas aulas e ampliar o repertório de suas/seus alunas/os.

Lembramos que o trabalho conjunto de professoras/es de diferentes disciplinas é essencial para uma abordagem mais consistente do tema, além de promover uma maior integração entre todos da escola. O fato de o livro gerar trabalhos que podem posteriormente ser apresentados à comunidade fora dos muros escolares, além de ser extremamente motivador para as/os alunas/os e gratificante para todas/os as/os envolvidas/os, constitui um recurso eficiente de sensibilizar todo o meio para questões que lhe dizem respeito.

Buscamos enfatizar o protagonismo juvenil nas atividades de campo, incentivando a/o aluna/o a explorar com olhos críticos o seu entorno, valorizando a realidade local e conscientizando-se cada vez mais de seu papel de agente de sua história. A aproximação com as pessoas que o cercam – familiares, vizinhos e amigos –, sobretudo, as mais idosas, reais detentoras do saber tradicional, também é incentivado em vários momentos das atividades.

Sabemos que dessa convivência entre passado e presente pode resultar um resgate da própria identidade do grupo e uma valorização coletiva e individual dos membros da comunidade e a perspectiva de um futuro melhor para todas/os.

Não nos restringimos à abordagem das nove comunidades quilombolas paulistas focalizadas no livro – André Lopes, Cafundó, Caçandoca, Ivaporunduva, Galvão, Sapatu, Nhunguara, Pedro Cubas de Cima e São Pedro. Incentivamos as/os alunas/os a descobrir outras comunidades espalhadas pelo país, para que elas/eles percebam que o legado dos antigos escravizados sobrevive em muitas regiões brasileiras, o quanto é urgente proteger essa herança e que elas/eles podem e devem se engajar nessa luta de reconhecimento público e oficial.

Sim, porque entendemos que um livro como *Narrativas Quilombolas* só adquire seu real sentido quando rompe os limites das páginas impressas, da leitura e discussão de seu conteúdo em sala de aula, para mobilizar a comunidade, personagem e referência da obra, gerando novas formas de ver-se e ver o mundo.



©Acervo NINC/SEE-SP

EMEF/EE Bairro Boa Esperança - Eldorado - SP.

Antes de mais nada

Professora/or, sugerimos que antes da leitura efetiva do livro seja feita com a turma uma atividade de motivação para o trabalho com a obra. Pode ser promovida uma análise da capa – título da obra, imagens, texto do prefácio –, como forma de despertar o interesse do grupo para o conteúdo a ser visto:

- A partir do título e do subtítulo do livro, da capa e das imagens que ele apresenta, o que você imagina ser o conteúdo da obra?
- O que você sabe dos antigos quilombos? E dos atuais?
- Caso você viva em uma comunidade quilombola, o que você sabe sobre ela? Costuma conversar em casa sobre o passado de sua região? O que significa em sua vida ser um quilombola?
- Se você não vive em comunidade quilombola, há alguma na sua região? O que você sabe sobre ela? E sobre as comunidades quilombolas espalhadas pelo Brasil? Já estudou esse assunto na escola?
- Você se interessa por temas ligados à história dos africanos e dos afro-descendentes? Por quê?

Essa e outras perguntas que julgar adequadas podem ser um bom aquecimento para a leitura e discussão do livro. Ao final do trabalho com o livro, pode-se voltar a essa dinâmica para checar se as expectativas da turma foram alcançadas e, principalmente, o que mudou na percepção das/dos alunas/os sobre o tema e sua própria realidade.



O livro constitui-se, basicamente, da reprodução de depoimentos de moradoras/es antigas/os de diversas comunidades quilombolas e nas atividades propostas são incentivadas as conversas entre as/os alunas/os e as pessoas mais velhas. Afinal, as/os idosas/os fazem parte da nossa sociedade, da nossa história coletiva e merecem esse reconhecimento. Geralmente, as pessoas mais idosas gostam de compartilhar histórias que marcaram suas vidas, sua experiência e a visão de mundo que construíram ao longo da existência.

Seria interessante sondar como andam as relações entre alunas/os e as pessoas mais idosas, partindo do próprio cotidiano familiar. Um roteiro com perguntas sobre a relação das/dos alunas/os com as/os mais velhas/os pode ser apresentado à classe. Dele podem constar perguntas como:

- Para você, o que define uma pessoa como idosa?
- O que seus avós e outros parentes idosos significam para você?
- Qual a idade dessas pessoas?
- Costuma conversar com elas? Sobre o quê?
- Que atividades faz com elas?
- Percebe diferenças entre elas e você? Quais?
- É possível superar essas diferenças? Por quê?
- Na sua opinião, como a sociedade trata as pessoas idosas? E na sua família, isso também ocorre? Por quê?

A ideia é levar a turma a perceber o papel importante das pessoas mais velhas como guardiãs/ões do saber tradicional, a memória viva da história da localidade e valorizá-las/los como legítimas/os representantes do próprio quilombo e, assim, conscientizar-se o quanto esse contato intergeracional pode ser rico.



Cartaz na EE Cangume - Quilombo Cangume - Itaoca - SP.

Durante a leitura

Ao longo do livro, quadros explicativos abordam referências culturais, como instituições, leis, conceitos, além de termos cujo sentido possivelmente ofereça dificuldades a/ao aluno/a. Seria interessante incentivar a turma a pesquisar sempre que se deparar com uma palavra ou uma referência desconhecida, ampliando dessa forma seus conhecimentos.

O livro apresenta dezenas de depoimentos de quilombolas mais antigas/os de diversas comunidades paulistas. Suas narrativas podem ser exploradas em sala de aula, abordando os mais diferentes aspectos. Algumas sugestões:

Língua falada X língua escrita

- Analisar aspectos formais da narrativa, sobretudo explorando a oralidade e a escrita, o registro popular e o culto; a técnica de transcrição e reprodução fiel dos depoimentos.

Noções temporais

- Trabalhar as ações das/dos narradoras/es, situando-as no tempo
- A partir da narrativa, e com a colaboração de professoras/es de diversas áreas (Língua Portuguesa, História, Geografia, Artes), analisar as transformações ocorridas na vida da comunidade e as perspectivas para o futuro.

Noções espaciais

- Sob a supervisão da/do professora/or de Geografia, perceber a utilização do espaço em suas diferentes dimensões (sincrônica e diacrônica). Essas noções podem auxiliar a discussão sobre a estruturação do espaço na comunidade. Por exemplo, disposição da casa, da roça etc.

Atividades lógico-matemáticas

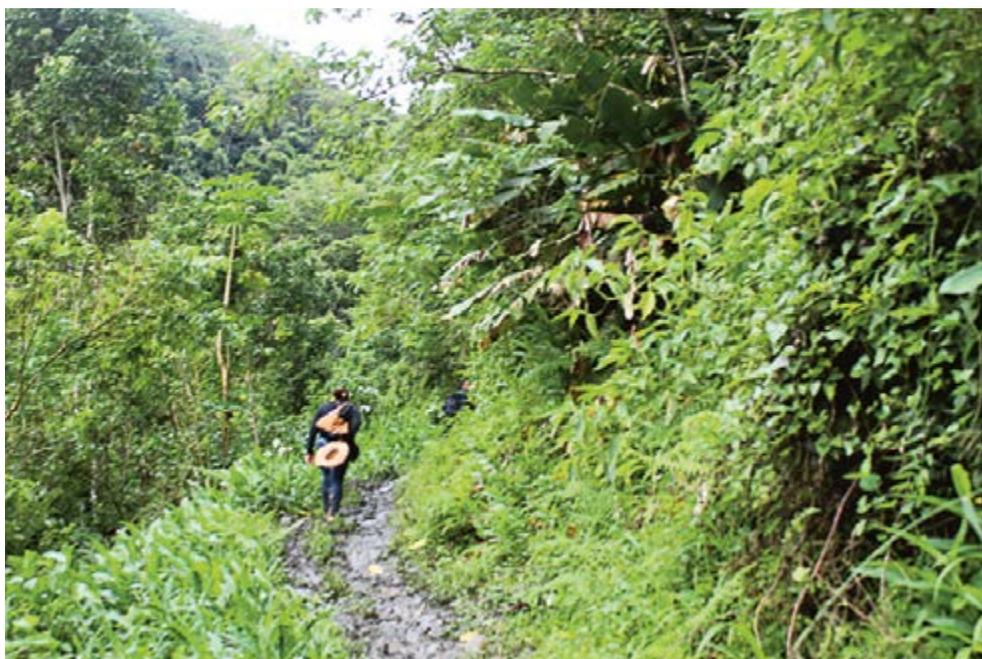
- Esse tipo de atividade permite explorar o real, estabelecendo relações lógicas entre os objetos e suas propriedades e características. No campo da topologia, por exemplo, pode-se explorar fenômenos como a tomada de consciência da estruturação e da organização do espaço. Já no campo da orientação, é possível trabalhar tópicos como os limites espaciais, os deslocamentos e a ocupação. Pode-se explorar ainda as noções de conjunto, as comparações e as correspondências.

O fundamental é que as perspectivas didáticas oferecidas nas narrativas possam contribuir para conferir sentido – dar alma – à aprendizagem de certas disciplinas, como estabelecido no Parecer 16/2012 e na Resolução CNE/CEB nº 08/2012 das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.



©Acervo NINC/SEE-SP

Casa da Associação de moradores - Quilombo Bombas - Iporanga - SP.



©Acervo NINC/SEE-SP

Trilha na mata Atlântica para chegar a comunidade Quilombola de Bombas - Iporanga - SP.

Apresentação

1. A abertura do livro destaca que a oralidade é o principal meio de transmissão do patrimônio imaterial. Sendo passados de geração para geração, através de relatos, esses conhecimentos se perpetuam.

- Existem no Brasil vários saberes tradicionais que foram reconhecidos oficialmente como patrimônios imateriais da humanidade. Pesquise na internet em sites como <http://portal.iphan.gov.br/> quais são eles, suas principais características e depois em uma roda de conversa compartilhe com suas/seus amigas/os as informações obtidas. E na comunidade onde vocês moram há conhecimentos e tradições que podem ser considerados patrimônios imateriais?

Professora/or:

Boa oportunidade para se lembrar as/aos alunas/os que a capoeira, criada pelos escravizados e durante muito tempo combatida e proibida no Brasil até se tornar uma das nossas mais tradicionais manifestações artísticas, hoje é praticada em mais de 100 países e foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em novembro de 2014.

- O texto refere-se ao papel da/do griô, mais que contadora/or de histórias, um/a verdadeiro/a historiador/a e guardião/ã da memória coletiva nas sociedades africanas tradicionais. No Brasil, em várias comunidades e famílias há pessoas que cumprem esse papel de guardar e transmitir as tradições, de unir o passado e o presente. Há alguém

que exerça essa função na sua comunidade? E na sua família? Converse com suas/seus amigas/os como é ou seria a experiência de conviver e aprender com alguém assim.

Caso você queira saber mais sobre a figura da/do griô e como em parceria com sua kora ela/ele encanta as/os ouvintes poderá ler *Toques do Griô - memórias sobre contadores de histórias africanos*, de Leila Leite Hernandez e Heloisa Pires Lima, da Editora Melhoramentos.

Professora/or:

O texto apresenta os critérios de transcrição dos diversos depoimentos que compõem o livro. Um exercício interessante seria propor as/aos alunas/os que gravassem depoimentos de representantes mais idosos da comunidade e depois transcrevessem essas falas, adotando os critérios do livro. Os textos escritos serviriam de ponto de partida para uma discussão do conteúdo sobre o passado da região e também para analisar a riqueza e a expressividade da linguagem oral, bem como avaliar as diferenças entre oralidade e a norma padrão utilizada no texto escrito.

2. O texto adverte que as histórias contadas e reproduzidas no livro têm uma função dupla: a educativa e a lúdica. Além de informar, elas são instigantes, críticas, e estimulam nossa reflexão.

- Escolha um desses depoimentos e junto com suas/seus amigas/os identifique nele o que pretende divertir e o que visa educar, corrigir, orientar. Esses dois objetivos estão presentes normalmente nas histórias que você ouve as/os mais velhas/os contarem em sua comunidade?
- Em seu depoimento, o Sr. Marcos, da comunidade Cafundó, é bastante crítico e contundente sobre a situação do negro ontem e hoje. Entre outras coisas, ele afirma:

"... se for na realidade mesmo, quem levantou o Brasil foi o próprio negro. E o negro hoje, praticamente é descartado, porque o negro, em todos os sentidos, ele é usado!" (p.14).

Reúna com suas/seus amigas/os e discuta essa visão dele. Você concorda com essa opinião? Por quê? Analise, exemplifique e argumente em

defesa de seu ponto de vista. Caso haja opiniões divergentes no grupo, é uma boa oportunidade para ouvir, ponderar, considerar e assim fazer uma reflexão mais ampla sobre o assunto.

Professora/or:

Muitos dos depoimentos transcritos oferecem motes para boa discussão em sala de aula. Alguns exemplos são as falas abaixo, do Sr. Marcos, da comunidade Cafundó:

“O negro serve mais para o ato de pesquisa, só serve pra isso, mas o negro nunca tem nada, nunca pode nada.”

“Muito se fala da história do negro, mas nas escolas ainda se está cheio de preconceito da história do negro, porque nunca contam a história real do negro.”

Caso haja interesse e condições pode ser exibido o filme *Cafundó* (2006, direção de Clóvis Bueno e Paulo Betti, 102 min, censura: 14 anos), mencionado no texto. Posteriormente pode ser promovida uma discussão sobre o conteúdo da obra e análise da situação da comunidade nos dias de hoje e da força que a figura de João de Camargo tem atualmente na região de Sorocaba.

3. A partir dos relatos presentes no livro é possível traçar-se um retrato das comunidades quilombolas focalizadas. A/O professora/or pode dividir a turma em grupos e encarregar cada um deles de pesquisar aspectos como situação social, educação, tradições, lutas etc. que aparecem nesses depoimentos. Há situações recorrentes? Quais?

Os dados levantados podem ser apresentados e analisados em sala de aula e dar origem posteriormente a um quadro-síntese sobre como vivem as comunidades quilombolas mostradas no livro. A pesquisa pode se estender a outras localidades brasileiras que não são o foco do livro, complementando a atividade proposta anteriormente quando se abordou o conteúdo do prefácio do livro.

Caso a escola esteja localizada em comunidade quilombola a atividade pode ter outros desdobramentos:

- se for localidade mostrada no livro, enriquecer os depoimentos com fotos e relatos pessoais.

- se não for localidade focalizada no livro, promover um raio X do lugar, a partir de depoimentos colhidos com pessoas mais velhas e avaliar como essa realidade se aproxima ou se distancia do que é narrado no livro.

Professora/or:

No caso da escola não estar em comunidade quilombola, os depoimentos desse livro são uma boa oportunidade para que as/os alunas/os conheçam de fato comunidades quilombolas. Afinal, como adverte o Sr. Marcos em seu depoimento: “Muito se fala da história do negro, mas nas escolas ainda está cheio de preconceito do negro, porque nunca contam a história real do negro.”

E isso vale para a visão deturpada que se tem muitas vezes da/do negra/o escravizada/o e da/do negra/o de hoje. Importante sensibilizar a turma para que esse trabalho de campo seja visto como oportunidade de conhecer um pouco do legado africano e não apenas mais uma experiência que corrobora com a frase do Sr. Marcos de que “o negro serve mais de ato de pesquisa, só serve pra isso...”



©Acervo NINC/SEE-SP

EMEF Bairro Bombas de Baixo - Quilombo Bombas - Iporanga - SP



©Acervo NINC/SEE-SP

Moenda de cana - Ivaporunduva



©Acervo NINC/SEE-SP

Cará

Os africanos no Brasil

1. O livro inicia-se com um rápido panorama da escravização de africanas/os, a chegada de milhões delas/es ao Brasil, sua resistência à escravidão, o surgimento dos quilombos e o papel dos negros e negras no processo da Abolição.

Com base no que leu no texto, já aprendeu na escola ou teve acesso por outros meios (internet, livros, TV, cinema...), pense no que realmente você sabe sobre a escravidão e a Abolição. Converse com suas/seus colegas a respeito. Em seguida, prepare-se para:

- apresentar para o restante da classe as principais informações e eventuais pontos de vistas diferentes surgidos no seu grupo. Lembre-se que é importante que todas/os as/os componentes se manifestem, deem suas opiniões e ouçam atentamente os depoimentos dos outros grupos. Essa troca de informações é uma boa forma de perceber como as/os colegas encaram a questão e também de ampliar sua visão sobre o fato.
- participar de um debate com suas/seus colegas sobre o tema e analisar a adequação do uso da palavra *Abolição*. Segundo o dicionário, abolição é extinção. Isso de fato ocorreu com o decreto da Princesa Isabel em 1888? Por quê?

Professora/or:

Uma boa fonte para enriquecer essa discussão é o filme *Abolição* (1988), de Zózimo Bulbul, disponível na internet. Nele há entrevistas com nomes importantes da luta pela preservação da cultura afro-brasileira, e também com pessoas marginalizadas em nossa sociedade e artistas populares, promovendo o questionamento do tipo de abolição que tivemos aqui e a manutenção da situação de desigualdade e racismo que perduram até os dias atuais.

Professora/or:

Após a exibição do filme, pode ser debatido o conteúdo da obra, o perfil e a trajetória das/dos entrevistadas/os e o quanto as ideias ali contidas continuam ou não atuais. É possível estabelecer-se algum paralelo com a situação da comunidade local? Por quê?

A atividade pode ser complementada por um levantamento de outras personalidades de destaque na atualidade que poderiam ser focalizadas, caso uma nova versão do filme fosse feita, e por uma pesquisa sobre a atuação e o posicionamento dessas pessoas sobre a questão da identidade afro-brasileira. As informações obtidas devem ser compartilhadas por todas/os em uma roda de conversa.

Para além da sala de aula – Parte 1

Pode ser organizado um grande painel sobre a escravidão e a Abolição. Divididos em grupos, as/os alunas/os deverão pesquisar temas como a chegada das/dos africanas/os no Brasil, números do tráfico negreiro, origem e destino das/os escravizadas/os, condições de vida no Brasil, relações entre senhores e escravizadas/os, formas de resistência de negras e negros, a escravidão e as leis, movimento abolicionista, a Abolição, situação das/dos escravizadas/os libertas/os etc.

Sob a supervisão de professoras/es de diversas disciplinas (História, Língua Portuguesa, Artes, Matemática...), as/os alunas/os deverão confeccionar cartazes, maquetes, gráficos, além de reproduzir documentos oficiais, notícias de jornais da época, trechos de obras informativas ou ficcionais sobre o tema e mesmo pinturas de artistas como Debret e Rugendas.

Professora/or: algumas sugestões de fontes de consulta e referências para essa atividade:

Livros

- *África e Brasil Africano*, Marina de Mello e Souza, Editora Ática.
- *História e cultura africana e afro-brasileira*, Nei Lopes, Editora Barsa-Planeta.
- *Do outro lado*, de César Fraga e Mauricio Barros, Editora Olhares – os autores percorreram vários países africanos em busca dos “lugares de memória”, monumentos materiais e imateriais da época do tráfico transatlântico.
- *O que há de África em nós*, de Wlamyra R. de Albuquerque e Walter Fraga, Editora Moderna.

Sites

- http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/etnico/Documentos/publicacoes/CadOrientDid_etnia2010.pdf
- <http://bndigital.bn.br/projetos/escravos/introducao.html> – trata-se do Projeto Tráfico de Escravos e Escravidão, criado pela UNESCO e disponível no site da Biblioteca Nacional.
- www.novaescola.org.br/africa-brasil – farto material multimídia sobre o tema.
- <http://noticias.terra.com.br/mundo/escravidao-americas> – site compara situação de escravidão em vários países da América: Haiti, Chile, Bolívia, México, Argentina, Peru, EUA, Cuba, Brasil

Filmes e documentários

A rota do escravo – a alma da resistência – a história do comércio de seres humanos é contada através das vozes de escravizados, de quem escraviza e daqueles que lucram com tal comércio. Disponível no site <https://www.youtube.com/watch?v=HbreAb-ZhN4Q>

No site <https://www.youtube.com/watch?v=DAveGxVvIqU> é possível assistir a uma reportagem de TV em solo africano para resgatar registros e visitar lugares relacionados ao comércio de escravos. Há depoimentos de estudiosos locais e imagens do Museu Nacional da Escravatura em Luanda, Angola.

Dos Grilhões ao Quilombo e A Abolição – esse e outros documentários produzidos pela Secretaria de Educação a Distância do MEC e a TV Escola e indicados para uso escolar estão relacionados no site <http://www.documentarios.org/> e muitos deles estão disponíveis para download no site www.dominiopublico.gov.br



Antiga Casa de Farinha - Quilombo fazenda Picinguaba - Ubatuba - SP.

©Acervo NINC/SEE-SP

Músicas

Vários artistas da MPB usaram os temas da escravidão e da resistência em suas canções. A audição dessas composições e análise de seus versos podem constituir um recurso lúdico e bastante eficaz para que as/os alunas/os ampliem seus conhecimentos e possam confrontar as visões dos livros didáticos e de outras fontes pesquisadas com o olhar das/dos artistas que também apresentam abordagens distintas. Letras e áudios estão disponíveis na internet. Algumas sugestões:

“Zumbi”, de Caetano Veloso, “Guerreiro do Quilombo”, de Mestre Barrão, “Quilombo, o eldorado negro”, de Gilberto Gil e Waly Salomão, “Samba do quilombo”, de Lenine, “Outro quilombo”, de Mário Gil e Paulo César Pinheiro, “Quilombo te espera”, Céu.

Como complemento da atividade e sob a coordenação da/do Professora/or de História, pode ser realizado um debate sobre o que representou a escravidão para o Brasil e seus reflexos na nossa sociedade até os dias de hoje. Lideranças locais, pessoas da comunidade, principalmente as/os mais idosas/os, podem ser convidadas/os a participar e a enriquecer o evento.

Por se tratar de empreitada de longo fôlego são essenciais o envolvimento e o comprometimento das/dos participantes, a distribuição de tarefas e um bom planejamento para que tudo funcione e o evento constitua uma experiência significativa para todas/os. Importante convidar a comunidade para participar da organização e realização do evento e não ser mera plateia do espetáculo. Essa adesão só enriquece a atividade e fortalece os vínculos entre as pessoas.

O evento pode contar ainda com um sarau, incluindo dramatizações, leitura de poemas e trechos de obras sobre o período, audição de músicas que falem da escravidão.

Algumas sugestões de fontes para o sarau

Livros

Podem ser selecionados trechos de obras de autoras/es negra/os importantes de diversas épocas, como contos de Machado de Assis (“Pai contra mãe”, “O caso da vara”), textos de Lima Barreto (os romances *Memórias do escrivoã Isaías Caminha* e *Clara dos Anjos*; o conto “Maio”), poemas de Cruz e Sousa, Abdias Nascimento (“Olhando no espelho”, “Autobiografia”, disponíveis no site <http://www.abdias.com.br/poesia/poesia.htm>), Solano Trindade (“Sou negro”, “Canto dos Palmares”, “Conversa”), além de nomes de destaque atual na literatura, como Paulo Lins e Ferrez.

O sarau pode ser uma boa oportunidade para que as/os alunas/os, principalmente do Ensino Médio, entrem em contato com a obra de Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo* e *Diário de Bitita*), a catadora de papel que se tornou mais do que autora nacional e internacionalmente reconhecida pela singularidade de seus escritos, um ícone da mulher negra, pobre e batalhadora que ultrapassa barreiras. O ano de 2014, centenário de seu nascimento, promoveu o resgate de sua obra, com a publicação de novas edições de seus livros e muitas homenagens durante as celebrações do Dia da Consciência Negra pelo país.

Importante:

A introdução às/aos alunas/os da obra de Carolina Maria de Jesus é especialmente indicada como recurso para sensibilizá-las/los para os muitos depoimentos que elas/eles encontrarão em Narrativas Quilombolas. A linguagem simples, os frequentes “erros gramaticais” e o agudo senso de realidade, trazendo a público o cotidiano da população favelada até então ignorado pelas/os intelectuais, representaram um marco na literatura nacional.

Importante:

Ao saber que a obra ganhou várias traduções, despertou a atenção de estudiosas/os como Joel Rufino dos Santos e mereceu elogios de Clarice Lispector e Alberto Moravia e muitos outros, as/os jovens poderão encarar os depoimentos do livro com uma dose maior de respeito e perceber o poder que essas falas autênticas e sinceras do livro têm de provocar reflexões em todos nós.

2. O Brasil não conhece a própria história e muito menos o papel que as/os afrodescendentes desempenharam e continuam desempenhando na construção da identidade nacional.

- Seria interessante propor as/aos alunas/os uma ampla pesquisa sobre personalidades negras que se destacaram em vários campos da vida brasileira e a importância delas para a nossa história.
- Foi fundamental a participação das/dos negras/os no movimento abolicionista. Pesquise sobre os principais nomes e a atuação de cada uma/um delas/es na causa.

Sites do Museu Afro Brasil: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa>, da Fundação Palmares: <http://www.palmares.gov.br/?p=8470> e de ONGs ligadas a questões de afirmação da identidade racial, como o Geledés: <http://www.geledes.org.br/atlantico-negro/afro-brasileiros/#axzz3JcoQ-tpYD> são boas fontes de consulta.

O Museu Afro Brasil disponibiliza em seu site um quiz, voltado para alunas/os do Ensino Fundamental II, sobre a história da instituição e sobre a história das/dos africanas/os e afrodescendentes. Vale a pena conferir: <http://www.museuafrobrasil.org.br/divirta-se>

3. Quando pensamos em escravidão de africanas/os geralmente nos vem à cabeça a imagem do branco estrangeiro submetendo/explorando o negro. O texto mostra que alguns grupos africanos escravizavam outros africanos antes da chegada dos europeus ao continente.

- Esses dois tipos de escravidão – a imposta por africanos e aquela feita por europeus – eram diferentes. Relembre as informações do texto, pesquise em livros e sites e converse com suas/seus amigas/os a respeito.

- Perder a liberdade e ser vítima de maus-tratos são degradantes para qualquer pessoa. Imagine como se sentia uma/um africana/o ao ser aprisionada/do por outro africano ou ao ser vendido a um estrangeiro. Coloque-se na pele dele e escreva um pequeno texto, falando de seus sentimentos. Posteriormente, você pode trocar de texto com suas/seus amigas/os e comparar se os sentimentos predominantes coincidem.

Uma boa sugestão de leitura é *Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta*, de Sonia Rosa, Pallas Editora, livro que aborda o caso real de uma escravizada que escreveu a uma autoridade reclamando de sua condição. Uma rara oportunidade de se conhecer a visão do escravizado.

Professora/or:

Se achar interessante, poderá pedir às/aos alunas/os que pesquisem sobre outros povos escravizados ao longo da história e se os meios de captura e condições de vida eram semelhantes aos que as/os africanas/os que vieram para o Brasil enfrentavam.

4. Por que africanos capturavam e vendiam africanos a europeus para serem escravizados? Relembre as informações do texto, discuta-as com suas/seus amigas/os e procure analisar as origens e as consequências dessa prática para o continente africano. Vocês podem consultar o artigo “Escravidão interna na África, antes do tráfico negreiro”, de Talita Tavares Batista Amaral de Souza, disponível no site: <http://essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/1809-2667.20030007/115>

Professora/or:

Uma boa fonte para se aprofundar no assunto é o livro *Escravidão na África: uma história de suas transformações*, de Paul Lovejoy. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

5. Grande parte das pessoas que entre os séculos XV e meados do XIX deixaram a África para serem escravizadas nas Américas vieram para o Brasil.

- De que regiões elas eram? Para que lugares do Brasil elas foram? Pesquise e junto com suas/seus amigas/os reproduza um mapa do Brasil colonial com esse movimento.

Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=15157>

Uma boa sugestão de leitura é *Os africanos e seus descendentes no Brasil – a resistência quilombola*, de Alfredo Boulos Júnior, Editora FTD.

- Também é interessante aprender um pouco mais sobre essas etnias que para cá vieram. Pesquise na internet: <http://clিকেaprenda.uol.com.br/portal/mostrarConteudo.php?idPagina=20101>

e em livros de História e depois troque informações com suas/seus amigas/os.

Professora/or:

No site abaixo, é possível consultar o *Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil*, um cuidadoso trabalho coordenado pelo Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense, em parceria com o Comitê Científico Internacional do Projeto da UNESCO “Rota do Escravo: Resistência, Herança e Liberdade”, <http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Invent%C3%A1rio-dos-Lugares-de-Mem%C3%B3ria-do-Tr%C3%A1fico-Atl%C3%A2ntico-de-Escravos-e-da-Hist%C3%B3ria-dos-Africanos-Escravizados-no-Brasil.pdf>

- Os horrores dos navios negreiros que traziam as/os africanas/os para o Brasil foram registrados pelo poeta Castro Alves no famoso poema “O navio negreiro”, disponível na internet em sites

como www.dominiopublico.gov.br, pelo pintor Rugendas (imagem disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Navio_negreiro) e pelo fotógrafo Marc Ferrez.

Uma atividade interessante seria reunir esse material e discutir em uma roda de conversa como as diferentes linguagens dialogam entre si. Em trabalho multidisciplinar, professoras/es de História, de Língua Portuguesa e Artes poderiam analisar com a turma essas produções e discutir como cada obra relaciona-se com as outras.

Professora/or:

Outro material indicado para essa atividade é o livro *O navio negreiro*, adaptação do poema de Castro Alves feita pelo rapper Slim Rimografia e ilustrado pelo grafitti do Grupo Opni (publicação da Panda Books), complementado por um apêndice informativo elaborado por um especialista em abolicionismo escravista. Uma boa oportunidade para se discutir a atualidade dos versos de Castro Alves, a partir de releitura feita em formato familiar ao jovem: rap e grafitti.

No livro *Na rota dos tubarões – o tráfico negreiro e outras viagens*, da Editora Pallas, o escritor Joel Rufino dos Santos recria a viagem de um navio negreiro.

As/Os alunas/os também podem ser incentivadas/os a produzir seus próprios textos e músicas sobre o tema: O livro *Afro-brasil em cordel*, de Nezite Alencar, Ed. Paulus, pode servir de referência a eles.

6. Nos séculos XVII e XVIII estados do interior africano conheceram seu apogeu econômico. Essa situação estava relacionada com o fornecimento de escravizados aos estrangeiros? Que reinos poderosos eram esses e o que os levou à decadência? Pesquise e compartilhe com suas/seus colegas as informações obtidas.

- A mão-de-obra africana foi fundamental nos grandes ciclos econômicos do Brasil: o da cana-de-açúcar, do ouro e do café. Pesquise sobre esses períodos da nossa história; quando e onde ocorreram, a participação do negro em cada um deles e herança africana observada ainda nessas regiões. Depois converse com suas/seus amigas/os sobre as informações que você obteve e as reflexões que elas despertaram em você.

- A vida dos escravizados e negras/os alforriados no Brasil foi retratada por vários artistas estrangeiros que para cá vieram, entre eles, os desenhistas Jean-Baptiste Debret (1768-1848) e Johann Rugendas (1802-1858), além de registradas pelas lentes do fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923). Pesquise obras desses artistas sobre o cotidiano dos escravizados e das/dos negras/os libertas/os. As pranchas (telas) escolhidas devem ser organizadas de modo a descrever a trajetória das/dos negras/os, desde a saída de seu local de origem, a África, passando pelas condições a que eram submetidos durante a viagem que podia durar meses, até a chegada ao Brasil. Flagrantes de vida na colônia, castigos, trabalho desumano, condições precárias de alojamento, mas também festas e o cotidiano de negras/os livres ou alforriadas/os, principalmente aquelas/es que viviam no meio urbano, tudo foi registrado por esses artistas. Uma boa fonte de consulta iconográfica é a internet em sites como o do Instituto Moreira Salles: www.ims.com.br. Reproduza algumas dessas imagens e, juntamente com suas/seus amigas/os, analise o conteúdo delas e as informações que revelam sobre a época.

Professora/or:

No site abaixo é possível acessar uma proposta de oficina para o Ensino Médio a partir do estudo de diversas obras dos dois desenhistas. Há reprodução das imagens e a exposição do conteúdo que é possível abordar a partir delas: http://www.miniweb.com.br/historia/artigos/i_moderna/pdf/escravidao_negra_brasil.pdf

Para além da sala de aula – Parte 2

Professora/or:

Dando continuidade à exposição sobre o tráfico negreiro, os escravizados e a Abolição, sugerida anteriormente, poderá ser realizada uma mostra da presença africana na nossa vida nos dias de hoje. A herança deixada na nossa cultura (alimentação, língua, religiosidade, costumes, manifestações artísticas, produção científica etc.) pode ser tema de uma exposição ou, dependendo das condições, de um grande festival de cultura afro-brasileira, com demonstração de danças de origem africana (samba, samba de roda, tambor de crioula, jongo, maculelê...), capoeira, degustação de pratos de influência africana (feijoada, canjica...) e leitura de trechos da obra de grandes escritoras/es negras/os, como Lima Barreto, Cruz e Sousa, Machado de Assis e Maria Carolina de Jesus. Também pode fazer parte desse festival obras de artistas plásticos negras/os ou que abordem a questão racial ou tenham o negro como tema, como Heitor dos Prazeres, Portinari, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral entre outros.

Em 2008, o Museu Afro Brasil, de São Paulo realizou a Mostra “Negros Pintores” e parte das obras exibidas na oportunidade, dos artistas Antônio Firmino Monteiro (1855 - 1888), Antônio Rafael Pinto Bandeira (1863-1896), Arthur Timótheo da Costa (1882-1922), Benedito José Tobias (1894-1963), Benedito José de Andrade (1906-1979), Emmanuel Zamor (1840-1917), Estevão Silva (1845-1891), João Timótheo (1879-1932), Horácio Hora (1853-1890) e Wilson Tibério (1923-2005) podem ser acessadas internet: http://entretenimento.uol.com.br/album/negros_pintores_album.htm#fotoNav=1

Se alguma manifestação de origem africana estiver presente na comunidade, seus praticantes podem ser convidados a participar do evento e dar seus depoimentos sobre a importância de sua arte e a luta para a sua difusão e preservação.

Caso haja condições, seria interessante visitar museus, casas de cultura e centros culturais que se dedicam à história afro-brasileira. Em São Paulo, há o Museu Afro-Brasil: www.museuafrobrasil.org.br, localizado no parque do Ibirapuera e que abriga um rico acervo sobre a presença africana no Brasil e seu legado, além de promover exposições e eventos diversos, além de contar com a Biblioteca Carolina de Jesus, com mais de 10 mil itens em seu acervo.

E em Salvador, o Museu Afro-brasileiro da Universidade Federal da Bahia: <http://www.mafro.ceao.ufba.br/index.php>, com um rico acervo de peças representativas da cultura de diversos países africanos e de sua presença na formação da nossa identidade.

Talvez na sua região ou em alguma cidade próxima exista uma instituição voltada para a preservação da cultura afro-brasileira. Se for possível, promova uma visita de suas/seus alunas/os a essas entidades.

7. Na África, a palavra *quilombo* tinha significados diferentes: tanto podia designar um acampamento militar permanente como uma espécie de mercado de pessoas escravizadas. No Brasil, quilombo adquiriu outro sentido. Como destaca o livro: “os quilombos angolanos contribuíram para o tráfico negreiro, enquanto os quilombos brasileiros foram essencialmente uma forma de luta e resistência ao escravismo colonial.”

- Pesquise e converse depois com suas/seus amigas/os sobre as características e a atuação dos quilombos africanos e brasileiros.
- Faça o levantamento dos principais quilombos brasileiros: localização, população, atuação e trajetória histórica; depois com suas/seus amigas/os elabore cartazes (com mapas e dados) que ilustrem suas pesquisas.

Professora/or:

Essa atividade pode ser realizada em parceria com diversas áreas (Língua Portuguesa, História, Geografia, Artes) e resultar em uma exposição na sala de aula ou ser parte do grande festival de história e cultura afro-brasileira, sugerido anteriormente.

8. Existem no Brasil inúmeras comunidades quilombolas, fato ignorado por muitos e nem sempre abordado adequadamente nos livros didáticos.

- Consulte fontes confiáveis como o site da Comissão Pro-índio de São Paulo <http://www.cpisp.org.br/comunidades/> e da Fundação Palmares http://www.palmares.gov.br/?page_id=88 e faça o levantamento das comunidades quilombolas existentes no Brasil e a situação social e legal de delas. Em uma roda de conversa, compartilhe com suas/seus amigas/os as informações obtidas.

Professora/or:

Caso a escola se localize em uma dessas comunidades, seria fundamental elaborar juntamente com as/os alunas/os uma espécie de documento de identidade da região. Com a ajuda da/do professora/or de Geografia pode ser feito um quadro em que apareçam a localização geográfica da comunidade e dados, como área, população, situação social e indicação se o reconhecimento legal foi obtido ou não.

O mapa com as comunidades quilombolas do estado de São Paulo (p. 38 do livro) pode servir de ponto de partida para essa atividade.

A atividade pode ser desdobrada em uma análise sobre as condições de vida na região, principais problemas e reivindicações da população à medida que a leitura dos depoimentos do livro avance. Comparações entre o conteúdo lido e a realidade local podem instigar reflexões das/dos alunas/os e discussões em sala de aula. Também poderá ser discutido na ocasião como a comunidade tem – ou não – se mobilizado para melhorar a qualidade de vida da região.

- O Brasil foi o último país do mundo ocidental a abolir a escravidão de africanas/os, mas será que a escravidão acabou aqui e no mundo? Você já deve ter ouvido falar de “trabalho escravo”. O que é isso? Em quais regiões do mundo acontece? Quem são geralmente essas/es escravizadas/os modernas/os? Pesquise, informe-se e depois discuta a questão com suas/seus amigas/os. Na sua opinião, trata-se realmente de trabalho escravo ou o uso do adjetivo aqui é exagerado? Por quê?

Professora/or:

Importante destacar a existência no Brasil de casos frequentes de trabalho escravo, envolvendo a exploração de trabalhadoras/es no campo e na cidade. Das/Dos bóia-frias escravizadas/os no campo as/aos bolivianas/os e chinesas/es nas confecções das grandes cidades não faltam casos divulgados na mídia de exploração de mão-de-obra em condições desumanas. Uma pesquisa em jornais, sites e até mesmo de casos observados na região podem originar uma boa pauta para um fórum de discussão sobre a moderna face da escravidão no Brasil.

Fontes sugeridas

- <http://www.trabalhoescravo.org.br> e <http://reporterbrasil.org.br/agencia/>
- artigos, reportagens e fotos de casos de trabalho escravo no país: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/escravidao-ainda-existe-historia-trabalho-escravo-cana-agronegocio-546462.shtml?page=0>
- No site <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2014-11/mundo-possui-358-milhoes-de-escravos-modernos-aponta-estudo> é possível checar a situação do trabalho escravo no mundo, com base na pesquisa da fundação internacional **Walk Free**, cujo relatório de 2014 foi lançado no dia 18 de novembro e a versão em português apresentada em 1º de dezembro.

9. Palmares foi o maior dos quilombos brasileiros e tornou-se símbolo da resistência das/dos escravizadas/os e da própria afirmação da/do negra/o brasileira/o. Zumbi, seu líder, é o grande símbolo da luta das/dos negras/os por seus direitos. Por essa razão, o dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi, foi escolhido oficialmente em 2011 como o “Dia Nacional da Consciência Negra” no Brasil. A data é lembrada anualmente em todo o país e em algumas localidades tornou-se feriado.

- Pesquise sobre Palmares: localização, população, atividades econômicas, organização social, líderes, resistência, confrontos com o poder, aniquilamento e destino dos sobreviventes e compartilhe as informações obtidas com suas/seus amigas/os.

Professora/or:

Outro exercício que pode ser proposto às/aos alunas/os é a realização de um levantamento de referências a Palmares e Zumbi na região em que vivem. Há espaços públicos que tenham o nome de Palmares ou Zumbi? O Dia da Consciência Negra é celebrado na comunidade? De que forma? Você já participou de algum evento em comemoração a essa data? Em caso afirmativo, como foi a experiência?

Uma roda de conversa pode ser promovida para que as/os alunas/os troquem experiências e opiniões sobre a participação e o interesse da comunidade com eventos ligados à data de 20 de novembro.

- Procure aprofundar as informações do livro sobre a formação e as características e a atuação do quilombo de Palmares. Depois em uma roda de conversa discuta com suas/seus colegas de classe a importância histórica desse quilombo.

Você pode consultar sites para ampliar seus conhecimentos. Algumas sugestões:

Filmes e animações

- <http://www.youtube.com/watch?v=zHFfLuUD8Dw> – programa Expedições da TV Brasil, de 2012, sobre Quilombo de Palmares.
- http://www.youtube.com/watch?v=_94ZWfG1bv0 – série 500 anos: O Brasil -Colônia na TV- Episódio 04: dos grilhões ao quilombo – Produção do MEC – Secretaria de Educação a distância – TV Escola, Fundação Joaquim Nabuco apresentam Mão Molenga – Teatro de Bonecos

Professora/or:

Alguns estudos recentes oferecem uma releitura de Palmares, desfazendo a imagem de sociedade igualitária até então aceita. No site abaixo é possível ler matéria da revista Veja publicada a respeito em 2008, intitulada “O enigma de Zumbi”:

http://veja.abril.com.br/191108/p_108.shtml

O texto pode dar margem a uma boa discussão em sala de aula, sob a coordenação da/do Professora/or de História e com o apoio de outras fontes de pesquisa.

Seria interessante levar a/o aluna/o a perceber que o quilombo dos Palmares e seu líder Zumbi, estão vivos e muito presentes no nosso cotidiano e isso vai muito além de emprestar seus nomes a logradouros públicos. Instituições, artistas carregam em seus nomes ou tematizam em suas obras e atividades essas referências fundamentais de nossa identidade nacional, na tentativa de perpetuá-las. São inúmeros os exemplos que podem ser citados;

- Fundação Cultural Palmares: vinculada ao Ministério da Cultura, trata-se da primeira instituição pública dedicada à promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira. www.palmares.org.br
- a primeira universidade brasileira voltada para a afrodescendentes, localizada na capital paulista, chama-se Universidade Zumbi dos Palmares.
- o aeroporto Internacional de Maceió chama-se Zumbi dos Palmares
- a MPB tem muitas músicas sobre o tema. Eis apenas algumas delas: “Zumbi”, de Caetano Veloso, “Guerreiro do Quilombo”, de Mestre Barrão, “Quilombo, o eldorado negro”, de Gilberto Gil e Waly Salomão, “Samba do quilombo”, de Lenine, “Outro quilombo”, de Mário Gil e Paulo César Pinheiro, “Quilombo te espera”, Céu. Há ainda que se mencionar o nome de um importante grupo musical: o Nação Zumbi.
- obras plásticas, como esculturas: estátuas de Zumbi estão espalhadas por vários locais, como na Praça da Sé de Salvador, no Museu Afro-Brasil, de São Paulo, no centro do Rio de Janeiro.

Muitas obras, como livros, filmes e peças teatrais já retrataram esse momento fundamental da nossa história. Promover o contato das/dos alunas/os com essas manifestações artísticas inspiradas em Palmares e seu líder é um recurso eficaz para que elas/eles apreendam a real importância desse momento de nossa história. O livro *Palmares ontem e hoje*, de Pedro Paulo Funari e Aline Vieira de Carvalho, Zahar Ed., pode ser uma boa referência para essa atividade.

Além de Palmares e seu líder Zumbi, *Narrativas quilombolas* menciona outras figuras importantes (...), como Ganga Zumba, e outros episódios que ilustram a resistência das/dos escravizadas/os, como foi o caso da Revolta do Malês. A turma pode pesquisar mais sobre o assunto e compartilhar suas ideias. Algumas fontes interessantes para consulta:

Filmes e animações

- *Ganga Zumba* (1964, direção de Cacá Diegues)
- *Quilombo* (1984, direção de Cacá Diegues)
- *Zumbi somos nós*. (2007, Frente 3 de Fevereiro,)
- <http://www.youtube.com/watch?v=zHFfLuUD8Dw> – programa Expedições, da TV Brasil, sobre Quilombo de Palmares, 2012.
- *Zumbi dos Palmares* – Série “Construtores do Brasil” - TV Câmara – disponível na internet
- <http://antigo.acordacultura.org.br/mojuba/programa/quilombos> – informações sobre quilombos com depoimentos de Joel Rufino e outros especialistas no tema. Links para todos os programas da série Mojubá que inclui temas como oralidade, herança cultural, literatura, família, fé...

Livros

Para as/os alunas/os

- *Zumbi dos Palmares*, de Renato Lima, Editora Saraiva.
- *Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre*, de Janaína Amado, Editora Formato.
- *Zumbi, o último herói de Palmares*, de Carla Caruso, Editora Callis
- *Um país de mil caras*, de Edith Modesto, Editora Paulinas (referência à Revolta dos Malês)

Para a/o Professora/or

- *Ganga-Zumba - a saga dos quilombolas de Palmares*, de João Felício dos Santos, Editora José Olympio.
- *O quilombo de Palmares*, de Edson Carneiro, Editora Martins Fontes.
- *Zumbi – a história do Brasil que não foi contada*, de Eduardo Fonseca Júnior, Yorubana do Brasil Sociedade Editora Cultural.
- *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*, de João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (Org.) Companhia das Letras.

Professora/or:

O site <http://africaportaldoprofessor.wordpress.com/sugestoes-de-aulas/> apresenta diversas sugestões de conteúdo e de abordagem voltadas para alunas/os dos ensinos Fundamental e Médio para enriquecer as suas aulas sobre a África.

10. Depois de ter lido as informações históricas contidas no início do livro e participado de atividades que aprofundaram esse conteúdo, prepare-se para:

- escrever um texto em forma de depoimento sobre o que mudou na sua percepção da escravidão e da Abolição e, eventualmente, até na forma como você vê a situação atual dos afro-descendentes.
- aprofundar seus conhecimentos sobre temas a que o texto faz referência, como a participação das/dos escravizadas/os no processo abolicionista; a relação entre Abolição e Guerra do Paraguai; leis que antecederam a Abolição; a atuação de figuras como Luiz Gama, José do Patrocínio, André Rebouças, Maria Firmina dos Reis, Nísia Floresta Augusta, Narcisa Amália, Maria Amélia de Queiroz, Chiquinha Gonzaga e outras/os abolicionistas negras/os. Compartilhe as informações obtidas com suas/seus colegas, troque ideias com elas/eles sobre o tema e amplie assim seus conhecimentos sobre momentos fundamentais da nossa história.



©Renato Ubrajara

Mapa do sítio arqueológico do Cais do Valongo - Rio de Janeiro - RJ
<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2017-07/rio-de-janeiro-cais-do-valongo-e-reconhecido-patrimonio-cultural-da>>, Acesso em 26 set 2017.

Para ampliar horizontes

Filmes, documentários e animações

- *Quanto vale ou é por quilo?* (2005, direção de Sérgio Bianchi) – o filme traça um interessante paralelo entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da miséria por grupos inescrupulosos.
- No site: <http://www.documentarios.org/> – indicações de documentários, como *Dos Grilhões ao Quilombo* e *A Abolição*, produzidos pela Secretaria de Educação a Distância do MEC e a TV Escola, destinados ao uso escolar e disponíveis para download.

Livros

Para a/o Professora/or

- *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. João José Reis e Flávio dos Santos Gomes (Org.) Companhia das Letras.
- *Quilombos no Brasil*. Revista Palmares, da Fundação Cultural Palmares, no .5, nov. 2000.

capítulo 1

Quilombos, comunidades de valores

1. O capítulo traz definições de quilombo aos olhos da lei e também a percepção mais ampla de sentir-se membro de uma comunidade quilombola, no fundo, “uma família extensa”, como destaca o texto.

- O texto revela que nas comunidades quilombolas “aprende-se a aprender aprendendo primeiro a escutar; aprende-se a aprender aprendendo a ouvir, antes de falar de maneira consciente”. Na prática, o que significa isso? Na sua comunidade – família, amigos, escola, vizinhança – isso acontece? Pense na sua realidade e depois converse com suas/seus amigos/os a respeito e compartilhe posteriormente com a classe as suas ponderações.

- Pense na frase abaixo, que aparece no livro:

“A terra marca o ser quilombola”

Essa ligação com o espaço em que se vive é passada de geração para geração? As/Os mais jovens têm a mesma ligação com a terra que seus pais? Reflita sobre essas questões e prepare-se para expor suas opiniões em uma roda de conversa.

Professora/or:

O site <http://africaportaldoprofessor.wordpress.com/sugestoes-de-aulas/> apresenta diversas sugestões de conteúdo e de abordagem voltadas para alunas/os dos ensinos Fundamental e Médio para enriquecer as suas aulas sobre a África.

2. Em seu depoimento, o Sr. Maurício, da comunidade André Lopes, relata um episódio sobre o ritual que envolvia o enterro dos mortos e as superstições que o cercavam.

- Converse com as pessoas mais antigas de sua família ou da vizinhança e descubra como a morte era tratada no passado. Que costumes eram seguidos nos velórios e nos enterros? Alguns desses rituais permanecem hoje em dia?

Professora/or:

Caso ache interessante, essa proposta de entrevista pode se estender a outros eventos marcantes: casamento, nascimento de filhos, entrada na escola, brincadeiras infantis, festas religiosas etc., fatos que serão abordados em depoimentos posteriores do livro. O material coletado nessas entrevistas pode ser trabalhado paulatinamente em classe, de acordo com a leitura dos depoimentos e discussão dos conteúdos das falas apresentadas no livro.

- O texto destaca que o quilombo atual não é isolado, mas sim um “lugar de interpenetrações com o mundo exterior”. Como esse relacionamento com o “mundo de fora” influencia o cotidiano e os valores quilombolas? Na sua opinião, esse contato tem influência também nas pessoas que vivem fora das comunidades quilombolas? Por quê?

Professora/or:

As/Os alunas/os devem ser incentivadas/os a compartilhar suas descobertas com as/os colegas e os muitos relatos que surgirem podem colaborar para uma visão mais ampla sobre o passado e o momento presente da comunidade em que vivem.

Praticando a escuta de narrativas

Converse com uma pessoa mais velha da comunidade sobre a história da formação do quilombo. A pessoa pode ser um parente, vizinho, conhecido ou um amigo da família. Para ficar mais fácil, antes de conversar com a pessoa escolhida é importante definir o tema e elaborar algumas perguntas a serem feitas. Depois, explique para a pessoa que você está fazendo uma pesquisa sobre a história do quilombo. Não se esqueça de anotar o nome completo dela, idade e a data da entrevista. De preferência, leve um gravador e preste bastante atenção no que ela diz, faça anotações e depois escreva o depoimento dela. Você pode dar um título ao texto, levando em conta o tema da conversa ou algum trecho importante da entrevista. Compartilhe seu trabalho com as/os colegas. A leitura de textos uns dos outros é uma boa forma de você ter uma visão mais ampla da comunidade em que vive.

Professora/or:

Além de ser compartilhados pela classe, os textos produzidos podem ser pauta de discussão.

- O que há de comum nos depoimentos coletados?
- Há ideias discordantes ou versões conflitantes de um mesmo episódio?
- O que mudou e o que permanece no cotidiano da comunidade?
- Que lição se pode tirar dessas entrevistas?

Professora/or:

Se houver condições, algumas/uns das/dos entrevistadas/os podem ser convidadas/os a visitar a escola e conversar pessoalmente com a turma. Esses encontros com quem detém a história e o saber da comunidade costumam ser extremamente enriquecedores para as/os mais jovens.

Ampliando horizontes

A situação das comunidades quilombolas

Como complemento da atividade 8, proposta na p. 39 deste caderno e sob a supervisão de professoras/es de diversas áreas, a classe pode pesquisar e buscar respostas para perguntas como:

- Quantos quilombos existem hoje?
- Em que estados se localizam?
- Quantos têm reconhecimento oficial?
- Qual é a população quilombola brasileira?
- Quais os principais problemas econômicos e sociais enfrentados por essas comunidades?
- Que avanços foram conseguidos nos últimos anos em termos de legislação?
- Até que ponto a tradição de costumes, das técnicas de produção e de linguagem é mantida nessas localidades?
- Qual a situação da educação quilombola? Material didático específico produzido para as escolas locais são efetivamente utilizados? Por quê?
- Manifestações culturais quilombolas.
- Que tipo de sentimento as/os moradoras/es das cidades próximas têm em relação a população quilombola? Respeito? Discriminação? Curiosidade? Hostilidade?
- Exemplos de comunidades quilombolas que conseguiram encontrar um modelo de gestão bem sucedido.

Sugestões de consulta

Livro

Saúde nos quilombos, Anna Volochko e Luís Eduardo Batista (org.) Instituto de Saúde – SESSP, GTAE – SESSP, 2009 - amplo estudo sobre os quilombos paulistas, a publicação traz também depoimentos de quilombolas de várias comunidades paulistas. A publicação pode ser acessada no link: <http://www.saude.sp.gov.br/resources/instituto-de-saude/homepage/temas-saude-coletiva/pdfs/temas09.pdf>

A parte II dessa obra é composta por entrevistas com quilombolas de diferentes comunidades paulistas e pode ser usada como complemento aos depoimentos que a/o aluna/o leu no livro.

Sites

- http://www.cpisp.org.br/comunidades/html/i_brasil_sp.html – histórico, legislação, entrevista com moradores
- <http://www.itesp.sp.gov.br/br/instituicao.aspx> – além de informações sobre a questão da terra, esse site disponibiliza publicações e artigos para download
- <http://www.kilombosdoribeira.org.br> – site oficial das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira

Música

- *Mosaico Musical dos Quilombos (2002)* - realizado em parceria do Cachuêra com a Fundação Palmares, reúne práticas musicais de três comunidades remanescentes de quilombos: Mato do Tição (MG), Osório (RS) e Santa Rosa dos Pretos (MA). O CD é distribuído gratuitamente a organizações educacionais. Maiores informações pelo site: http://www.cachuera.org.br/cachuerav02/index.php?option=com_content&view=article&id=285:mosaicomusicaldosquilombos&catid=44:cds&Itemid=67

3. As comunidades quilombolas não vivem isoladas e sofrem a influência da globalização e da urbanização.

- O contato com a modernidade, o acesso a modernas tecnologias, o proximidade com outros valores podem comprometer a própria identidade do quilombo. Você concorda com essas afirmações? Por quê? É possível o quilombo modernizar-se, sem perder sua essência? Converse com suas/seus amigas/os a respeito e depois compartilhe suas opiniões com a classe.
- Em seu depoimento, o Sr. João Catá, de Nhunguara, fala dos remédios caseiros, que ele sempre tomou e que hoje costumam ser menosprezados pelos médicos. Segundo ele, isso acontece porque se todo mundo recorrer a esse tipo de medicamento, [os médicos/laboratórios] “não vão poder vender, vai vender pouco.” E conclui: “A gente não tem estudo, mas tem o conhecimento, um conhecimento que já vem da cultura da gente.”

Discuta com suas/seus amigas/os essas ideias e depois apresente às/aos suas/seus colegas de classe a opinião de vocês sobre esse confronto tradição X modernidade.

Professora/or:

Importante lembrar que as universidades mais e mais têm se interessado pelo saber popular. De pesquisas acadêmicas sobre o uso medicinal de plantas a iniciativas sociais, como o Projeto Farmácias-Vivas, criado em 1985 pelo farmacêutico Francisco José de Abreu Matos, da Universidade Federal do Ceará. A iniciativa é voltada para a saúde pública, cujas plantas permitem, hoje, o tratamento de aproximadamente 80% das enfermidades mais comuns nas populações de baixa renda. Há ainda a fitoterapia que ganha mais e mais estudiosos e adeptos, a biopirataria, envolvendo plantas nacionais, principalmente aquelas com propriedades medicinais, como copaíba, andiroba, espinheira santa, contrabandeadas e patenteadas por empresas estrangeiras. Essas registram os princípios, fazendo com que o Brasil pague posteriormente royalties para adquirir substâncias que saíram de sua flora. Descobrir até que ponto essa aproximação universidade e comunidades tradicionais é positiva e como isso pode ajudar ou descaracterizar as comunidades tradicionais.

Pode ainda ser explorada também neste depoimento, as visões diferentes que as/os mais velhas/os e as/os mais novas/os têm sobre o saber tradicional. As/Os jovens escutam a palavra da/do médica/o e preferem os medicamentos industrializados em detrimento da sabedoria das/dos mais velhas/os da comunidade e da ingestão do remédio tradicional. É possível conciliar saber acadêmico e o conhecimento tradicional? Por quê?

Lembrar que, como destaca o depoimento, muitas vezes o saber popular demora muito para ser reconhecido: “... até pra meu filho não pode ter muito valor, até pode não valorizar muito, mas meu bisneto vai, meu neto e meu bisneto vai valorizar”.

capítulo 2

Memória coletiva

1. Nos depoimentos presentes no livro é possível perceber-se não só as lembranças que as pessoas têm do passado, mas como elas se preocupam em transmitir suas memórias e seus conhecimentos para as novas gerações.

- Os três primeiros, o quinto, o sexto depoimentos da memória coletiva nos dão uma detalhada descrição sobre o cotidiano no passado das comunidades de André Lopes, Pedro Cubas, Caçandoca. Releia-os e com suas/seus amigas/os organize um quadro com as principais informações contidas nesses depoimentos sobre: relacionamento com as/os mais velhas/os, alimentação, educação, transporte, abastecimento, trabalho... Apesar de terem enfrentado muitas dificuldades, as pessoas destacam as boas coisas daquele tempo. Quais são elas? Você concorda com essas opiniões dadas? Por quê?

- Em seu depoimento, o Sr. João, da comunidade do Sapatu diz: “... tem que passar sempre, conversar, contar da história como que era primeiro, antigamente, pra ficar pra eles, pra eles aprenderem também, saber também a história.” Você concorda com essa afirmação? Qual a importância do conhecimento, das informações sobre o passado serem transmitidas de geração para geração? Converse com suas/seus amigas/os a respeito e depois em uma roda de conversa exponha suas ideias ao restante da classe.

Professora/or:

Pode ser mencionada a frase do filósofo grego Heródoto, para enriquecer essa discussão: “Pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro”.

2. Fica evidente em muitos depoimentos a dificuldade que pessoas mais velhas enfrentam para sensibilizar as novas gerações sobre a importância de se preservar a história local, bem como diferentes pontos de vista sobre o passado e o futuro da comunidade.

- A Sra. Aldacir, de Caçandoca, destaca em sua fala que “antigamente era melhor do que agora”. Quais são os aspectos negativos que ela vê no presente para fazer tal afirmação. Você concorda com ela? Por quê? Em sua comunidade acontece o mesmo? Converse com suas/seus amigas/os a respeito e depois compartilhe as opiniões com o restante da classe em uma roda de conversa.
- A fala de Ivo dos Santos, da comunidade Sapatu, aborda uma questão essencial das comunidades quilombolas: a dificuldade muitas vezes enfrentada pelas pessoas mais velhas e por aquelas/es que lutam pela preservação da memória para sensibilizar as/os jovens para as tradições e conscientizá-las/los de seu papel importante para a sobrevivência dessa cultura. Sua luta “para que as crianças não tenham vergonha das nossas tradições, dos nossos costumes e que possam continuar essa cultura que a gente acha bonita e é um resgate da cultura das comunidades quilombolas” é incessante.

Como você se relaciona com as tradições de sua comunidade? Identifica-se com elas? Acha importante conhecê-las, divulgá-las e lutar para que elas se perpetuem? Por quê? Converse com suas/seus amigas/os, familiares a respeito e depois compartilhe suas reflexões com toda a classe.

Para além da sala de aula

A Sra. Aldacir aborda um ponto polêmico: na sua visão, a lei, que devia proteger e beneficiar a comunidade quilombola, acaba sendo prejudicial, ao determinar, por exemplo: “Se você é quilombola, você tem que morar na casa de barro, não pode fazer de bloco”. E resume: “ ... agora você continua sendo escravo ainda, eu acho que continua sendo escravo! Tem a terra e você não pode fazer nada, você não pode fazer nada aqui. Você continua na mesma”.

Divididos em grupos, as/os alunas/os podem analisar a lei que rege os quilombos e as implicações para essas populações. A participação de professoras/es de diversas áreas, sobretudo História, Geografia e Matemática, é fundamental para uma visão mais abrangente da questão. Os resultados dos diversos grupos podem ser apresentados posteriormente à classe para uma discussão de toda a turma sobre avanços e eventuais retrocessos surgidos com a lei.

A situação da comunidade em que a escola se insere pode ser foco de abordagem semelhante e as lideranças locais podem ser convidadas a conversar com as/os alunas/os.

capítulo 3

Práticas culturais

1. A maioria das/dos africanas/os que vieram para o Brasil falava línguas do grupo banto. Muitas palavras de origem africana permanecem no nosso cotidiano e muitas vezes nem percebemos isso. E a herança africana vai muito além de vocábulos de nossa língua e é uma das responsáveis pela diversidade cultural presente no país.

- Faça uma pesquisa na internet, em obras, como *Novo Dicionário banto do Brasil*, de Nei Lopes e elabore uma lista de termos de origem africana encontrados. Depois compartilhe os dados obtidos com suas/seus amigas/os.

Professora/or:

Duas boas sugestões de leitura são o livro *Falando banto*, de Eneida D. Gaspar, da Pallas Editora, e *Abecedário afro de poesia*, de Silvio Costta, Editora Paulus, em que termos de origem africana são utilizadas em versos divertidos. As obras trazem um apêndice final, com o significado das palavras.

- Discuta com suas/seus amigas/os o artigo 1 da Declaração universal sobre a diversidade cultural, da UNESCO, que abre Práticas culturais. Vocês concordam que “a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza”?

Professora/or:

Caso a escola se encontre na comunidade do Cafundó vale a pena explorar a cupópia e investigar o conhecimento das/dos alunas/os sobre essa língua e se algum de seus parentes ainda a utiliza. Pode ser convidada/o um/a falante para conversar com a turma. A participação das/dos professoras/es de Língua Portuguesa, História e Geografia pode tornar a atividade mais consistente. Pode ser conduzida uma pesquisa sobre o surgimento dessa língua. Um mapa da África é essencial para ilustrar a exposição.

2. O trecho da pesquisadora Glória Moura, transcrito nessa parte do livro, fala das festas quilombolas.

- Compare as informações contidas no texto com o que acontece na sua comunidade. Como é a participação das pessoas? Há gente de todas as idades nas festas? Como participantes ou apenas como espectadoras/es? Você já foi a alguma delas? Por quê? Você acha que pessoas de sua idade se interessam por esse tipo de manifestação cultural? Por quê?
- O resgate das festas antigas presente nas entrevistas lidas pode ser complementado pelo depoimento de moradoras/es mais velhas/os da comunidade. Converse com parentes e conhecidas/os sobre eventos sociais e religiosos do passado e posteriormente em uma roda de conversa compartilhe com as/os colegas as informações obtidas. Compare a realidade de ontem e de hoje na sua região e discuta a importância de manter vivas as tradições locais.

Professora/or:

Para informações detalhadas sobre as comunidades do Vale do Ribeira está disponível o *Inventário Cultural dos Quilombos do Vale do Ribeira* no site do Instituto Socioambiental – <http://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/publicacoes/inventario-cultural-de-quilombos-do-vale-do-ribeira> e para um diagnóstico das comunidades brasileiras acesse o Programa Brasil Quilombola – Diagnóstico de Ações Realizadas – Julho de 2012, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial no site <http://www.seppir.gov.br/destaques/diagnostico-pbq-agosto>

3. As festas são um evento social importante para a comunidade, momento de reunião e celebração do grupo, e alterações na vida pessoal das/dos moradoras/es podem interferir na sua realização.

- Vários depoimentos reproduzidos no livro revelam como a mudança de religião influenciou a relação dessas pessoas com as festas locais, a maioria de cunho religioso, mais precisamente católico. Há quem tenha deixado de participar e quem continue colaborando de seu jeito, como Dona Maria da Conceição, de Caçandoca, que era católica e tornou-se evangélica. Como é a situação em sua comunidade? Pessoas de religiões diferentes convivem em harmonia, de forma respeitosa ou não se misturam? O que você acha disso?
- No texto transcrito da pesquisadora Glória Moura menciona-se a relação das/dos mais jovens e daquelas/es que saíram dos quilombos com as festas locais, destacando que “A importância de manter o sentido de pertencimento leva os que saem a voltar na época da festa”. Isso ocorre em sua comunidade? As tradições da comunidade atraem as/os jovens ou só as pessoas mais idosas? E você, como se relaciona com as tradições do lugar em que vive? Sua família valoriza a participação em eventos da comunidade? O que você acha dessa situação? Converse com suas/seus amigas/os a respeito e depois compartilhe as opiniões com o restante da classe.

4. Vários depoimentos descrevem as festas que aconteciam no passado, a maioria de cunho religioso e outras, não.

- Além das/dos santas/os homenageadas/os, são citadas danças, os ritmos e instrumentos musicais, comuns nesses eventos. Em companhia de suas/seus amigas/os faça uma pesquisa sobre essas festas e tudo o que as cercava. Converse com familiares e pessoas mais idosas da comunidade sobre suas lembranças, sobre essas celebrações e depois compartilhe as informações obtidas com o restante da classe em uma roda de conversa. Em sua comunidade, algumas das festas mencionadas acontece ainda hoje? E outras festas são tradicionais em sua região? Quais?

- Em seus depoimentos, Dona Maria da Conceição, de Caçandoca, e Seu Antônio Furquim, de Sapatu, falam do costume de se oferecer uma festa, um forró para as/os amigas/os depois da realização de um mutirão, como forma de agradecer a ajuda recebida. Em sua comunidade, é comum as pessoas se reunirem para trabalharem juntas em benefício de uma família, por exemplo, ou até da própria comunidade? Sempre foi assim ou antigamente era diferente. Converse com seus familiares a respeito e depois compartilhe suas descobertas com as/os colegas.

5. A alimentação e a saúde são temas também presentes nos depoimentos transcritos.

- Ao mencionar a alimentação que tinham na infância, é comum as/os entrevistadas/os se referirem ao que colhiam em suas plantações e os animais que criavam. Com exceção do sal e do fósforo, que eram comprados, tudo mais era produzido na própria comunidade. Hoje em dia, há hortas e criação de galinhas nas casas de sua região ou todos os alimentos são comprados? E antigamente, a situação era muito diferente? A alimentação dos seus pais e parentes era muito diferente da sua? Há na sua família alguma comida que continue sendo feita (bolo, doce, prato salgado...), e que foi passando de geração para geração? Converse com seus familiares a respeito e depois compartilhe as informações com suas/seus colegas de classe.

- A saúde é precária no Brasil e o acesso a médicos nas comunidades quilombolas às vezes é muito difícil. Assim, os remédios caseiros, as benzedeiras e outros saberes tradicionais continuam sendo de grande importância em muitas localidades brasileiras. Analise a situação da

saúde pública em sua região: o serviço oferecido é satisfatório? O uso de medicamentos caseiros é grande? Na sua família, chás, xaropes caseiros, ervas e raízes são utilizados nos casos de doença ou apenas medicamentos receitados por médicos? Qual sua opinião sobre esse hábito?

Professora/or:

Pode ser promovido um levantamento sobre o quanto a medicina tradicional e os remédios caseiros ainda estão presentes na comunidade e a resistência que enfrentam das/dos mais jovens e ou das/dos profissionais da saúde que atendem a população local.

A fala abaixo de Laura, da comunidade Galvão, pode ser um bom mote para reflexão: “Eu sempre procurei fazer os daqui [remédios caseiros] primeiro, que me ensinaram, passaram, pra depois procurar, se caso não fizesse efeito, né. Não melhorasse a criança, eu procurava, assim, um médico, assim, mas é muito difícil eu ir procurar médico assim da cidade.”

Esse comportamento é usual na comunidade? Qual sua opinião sobre esse jeito de agir?

Professora/or:

Os ritos de morte são abordados nos três últimos depoimentos dessa parte do livro, feitos pela Sra. Maria da Glória, de André Lopes, e pelos Srs. João Mota e Laurentino, de Nhunguara. A partir deles, pode ser feita uma comparação com a realidade da comunidade nos dias de hoje. Perguntas como: A morte de alguém da comunidade mobiliza as pessoas ou só os mais próximos? Rituais como os descritos nos depoimentos (velórios, enterros...) ainda são seguidos ou como destaca a Sra. Maria da Glória, de André Lopes: “... hoje não tem mais, pode morrer quem for, ninguém tá nem aí.”

capítulo 4

Valores civilizatórios

1. O livro destaca que pensar no coletivo é uma das características marcantes das comunidades quilombolas. “Solidariedade, parceria, diálogo e cooperação que ainda hoje são armas numa sociedade racista e excludente.”

- O espírito de grupo, a preocupação com o bem de todas/os e não apenas com o que beneficia essa ou aquela pessoa, existe na sua comunidade? Pense em alguns casos reais que acontecem e que justificam sua resposta. Depois converse com suas/seus amigas/os a respeito e discuta o que poderia ser feito para melhorar essa situação. Compartilhe as considerações de vocês com as/os colegas de classe.
- Você concorda com o texto sobre nossa sociedade ser racista e excludente? Por quê? Você ou algum conhecido já foi vítima de discriminação por causa da origem, aparência, condição social? Em caso afirmativo, o que aconteceu? Qual foi a reação dos envolvidos?

Professora/or:

Pode-se aproveitar a oportunidade para lembrar que a discriminação é crime e deve ser denunciada. O preconceito em suas diversas formas e meios de combatê-lo podem ser tema de um amplo debate na escola.

Professora/or:

Pense na sua realidade: quem é a sua família? Ela é composta apenas por parentes ligados por laços de sangue ou também gente próxima, colegas de longa data? Essa situação é igual a das/dos suas/seus colegas? Converse com elas/eles a respeito.

A luta pela posse da terra, pela manutenção da área em que se vive, é vital para os quilombolas. Como resume Dona Jovita, da comunidade Galvão: “... a terra é a nossa vida, sem a terra nada posso conseguir.” A sua família discute e se preocupa com essa questão ou não? E suas/seus vizinhas/os e amigas/os? Como as pessoas mais idosas de sua família encaram a posse da terra? E você, que importância isso tem na sua vida? Você se identifica com o lugar onde vive ou viveria em qualquer outro lugar?

Como sabemos, o acesso à educação, saúde, saneamento básico, transporte de qualidade e a tantos outros direitos previstos na lei não é realidade para grande parte da população. Qual é a situação da comunidade? O que deveria ser feito para que as/os moradoras/es tivessem uma melhor qualidade? Pode ser proposto que as/os alunas/os façam um levantamento das principais carências do lugar, mobilização popular, reivindicações encaminhadas às autoridades, melhorias em andamento ou prometidas pelo poder público e conquistas alcançadas. Os resultados podem ser compartilhados em sala de aula e posteriormente dar origem a quadro informativo afixado em mural na escola para que todas/os pessoas possam acompanhar esses dados. Em uma roda de conversa pode ser discutido como cada um, inclusive as/os jovens, pode colaborar para que a comunidade tenha uma melhor qualidade de vida.

Também pode ser promovida a discussão sobre a lei das cotas raciais em universidades e o porquê de ela ser tão polêmica.

2. A noção de família para as comunidades quilombolas é muito mais ampla do que costumamos ver nos centros urbanos. Vai bem além de laços de sangue: o convívio próximo, muitas vezes passando de geração para geração, a luta pela posse da terra são alguns dos fatores que fazem as pessoas se sentirem como membros de uma grande família.

Professora/or:

Pode ser promovida uma roda de conversa para que as/os alunas/os exponham o que é ser um/uma jovem quilombola hoje, sua relação com a terra e como se veem na manutenção da comunidade e na preservação da cultura local.

3. Em todos os depoimentos do livro é forte a ênfase nas antigas relações entre pais e filhos ou entre pessoas mais jovens e as mais velhas: transmissão de conhecimentos, de técnicas de trabalho e de valores de geração para geração, orgulho da origem e culto às tradições, obediência à autoridade familiar, respeito ao outro. Também é constante a observação dessas pessoas mais velhas de que o jovem de hoje não se interessa muito pelas tradições e que muito da cultura local está se perdendo.

- Na sua casa, algum aspecto da educação mais antiga descrita nos depoimentos ainda é observado? Você acha isso bom ou ruim? Por quê? Você concorda com a crítica das/dos mais velhas/os sobre o desinteresse do jovem de hoje pelas tradições? Como você e suas/seus amigas/os se relacionam com a história e a cultura do local onde vivem?
- O texto fala de Maria Merenciana ou Maria Antônia Chules Princesa, uma antiga quilombola que hoje dá nome à primeira escola quilombola do estado de São Paulo. A esse respeito, as/os mais antigas/os têm informações nem sempre precisas. Com certeza em sua comunidade há figuras marcantes do passado cujas histórias as pessoas mais idosas contam até hoje. Faça uma pesquisa com suas/seus parentes e conhecidas/os sobre quem eram essas pessoas e qual sua importância para a comunidade. Caso a sua localidade tenha o nome de uma pessoa, pesquise quem foi ela e se há descendentes dela ainda vivendo na região.

Professora/or:

A pesquisa sobre figuras importantes para a história da comunidade pode se estender a localidades vizinhas. Qual a origem de seus nomes? A atividade não precisa se limitar a comunidades cujos nomes homenageiam pessoas e pode englobar ainda logradouros e acidentes geográficos batizados com nomes de pessoas.

4. A luta pela posse da terra, questão fundamental para as comunidades quilombolas, pode ser tema de uma pesquisa por parte das/dos alunas/os. Elas/Eles poderão aprofundar as informações do livro e traçar uma linha do tempo desde 1850 e a Lei de Terras nº 601, mencionada no texto, até os dias atuais. Avanços, retrocessos e perspectivas na luta pela terra podem ser discutidos posteriormente. Lideranças locais podem ser convidadas a visitar a escola para conversar com as/os alunas/os expor a situação atual da comunidade.

- O livro destaca que mais de 1 500 comunidades quilombolas são certificadas pela Fundação Palmares. Qual a importância desse reconhecimento oficial? Pesquise e compartilhe as informações com suas/seus colegas.
- O livro menciona diversos órgãos governamentais que tratam da questão de terras no Brasil, mas destaca a importância das associações de moradores de comunidades quilombolas para se conseguir demarcação, certificação e titulação das terras. Há uma associação de moradores na sua comunidade? Quando ela foi criada? Como atua? Quem são as/os responsáveis por ela? Que conquistas já foram obtidas e qual é a luta atual? Como é a participação da população nessa entidade? As/Os jovens comparecem às reuniões e se interessam pela situação da comunidade? Converse com participantes dessa associação e convide-as/os a visitar a escola para um encontro com as/os alunas/os.

Professora/or:

Além da associação dos moradores, outros projetos sociais que eventualmente existam na comunidade, como grupo de horta, oficinas culturais e profissionalizantes, podem ser alvo dessa atividade. Uma conversa das/dos alunas/os com algum/a responsável por essas iniciativas pode ser estimulante e uma forma de sensibilizar as/os jovens para a realidade local e obter um maior envolvimento delas/deles na vida comunitária.

5. O livro aborda como as leis ambientais, a atuação de grileiros, especuladores imobiliários e grandes empresários da mineração acabaram por reduzir as atividades produtivas em terras quilombolas, sobretudo a produção de alimentos para consumo próprio. As/Os moradoras/es locais se viram obrigadas/os a buscar novas formas de trabalho. Como é a realidade em sua região?

- Juntamente com suas/seus amigas/os, faça um levantamento das principais ocupações das/dos moradoras/es locais. A maioria trabalha próximo de onde vive? Há muitas/os que se dedicam à agricultura em propriedades de outras pessoas? E as mulheres, em que trabalham? As/Os mais jovens têm que tipo de emprego? Compartilhe as informações com suas/seus colegas de classe e analise a situação. Você e suas/seus amigas/os acham que terão melhores possibilidades de emprego quando ingressarem no mercado de trabalho? Por quê?
- O texto cita algumas fontes de renda de comunidades quilombolas, além da agricultura, como a fabricação caseira de alimentos – farinhas e doces, por exemplo – a produção de artesanato com materiais da região e o turismo étnico, existente na comunidade de Ivaporunduva. Na sua opinião, qual a importância de se divulgar a cultura da comunidade aos centros urbanos? A visita de educadoras/es, alunas/os, pesquisadoras/es acadêmicas/os é benéfica ou prejudicial às/aos habitantes da comunidade? Exponha suas ideias em uma roda de conversa com suas/seus amigas/os.

Professora/or:

Como a sua comunidade se relaciona com as demais? Participa de discussões regionais, eventos em defesa dos direitos dos quilombolas? Lideranças locais podem conversar com as/os alunas/os sobre a importância dessa atuação conjunta das comunidades, os avanços já obtidos e a luta ainda em curso.

6. Os depoimentos transcritos trazem não só informações interessantes sobre costumes de antigamente nessas comunidades como nos inspiram a refletir sobre o presente e o futuro.

O livro enfatiza a importância de se conhecer os relatos das/dos mais antigas/os, refletir sobre o que é narrado e aprender com a experiência deles, já que “conhecer e valorizar essas histórias e esses conhecimentos faz de todos nós seres humanos melhores e mais sábios.” Você concorda com essa afirmação? Por quê? Para você, o contato com parentes e conhecidas/os mais idosas/os mudou sua forma de encarar o mundo? Por quê? Converse com suas/seus amigas/os a respeito e discuta se a figura da pessoa idosa é tratada com o devido respeito na comunidade em que vivem e na sociedade em geral e por que isso acontece.

PARA AMPLIAR OS HORIZONTES

Livros infantojuvenis

- *Histórias da Cazumbinha*, de Meire Cazumbá e Marie Ange Bordas, Companhia das Letras – a história de uma menina que nasceu em uma comunidade quilombola às margens do rio São Francisco (BA).
- *Em Angola tem? No Brasil também*, de Rogério Andrade Barbosa, Editora FTD – comparação sobre hábitos e a cultura dos dois países.
- *Saruê Zambi*, de Luiz Galdino, Ed. FTD. – a vida de um casal de crianças quilombolas que vive em Palmares e luta pelas terras do Rei Zambi.
- *Ifá o adivinho - histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos* de Reginaldo Prandi, Companhia das Letras.
- *Agbalá – um lugar continente*, de Marilda Castanha, Cosac Naify Editora – a trajetória dos povos africanos que vieram para o Brasil.
- *Tumbu*, de Marconi Leal, Editora 34 – a escravidão e a vida na colônia portuguesa do ponto de vista de um menino negro.
- *Gosto de África - Histórias de lá e daqui*, de Joel Rufino dos Santos, Editora Global – mitos, lendas e tradições e personagens negras da nossa História .
- *Zumbi dos Palmares em cordel*, de Madu Costa, Mazza Edições – recriação literária da história de Zumbi.
- *O Brasil que veio da África*, de Arlene Holanda, Nova Alexandria – a saga de um jovem rei africano e seu antigo escravo, agora cativos no Brasil.
- *Um quilombo no Leblon*, de Luciana Sandroni, Editora Pallas – no século 19, um comerciante esconde escravos fugidos em sua chácara no Leblon, na cidade do Rio de Janeiro.
- *Meu avô africano*, Carmen Lucia Campos, Panda Books.
- *Contos e lendas afro-brasileiros – a criação do mundo*, de Reginaldo Prandi, Companhia das Letras.
- *O amuleto perdido e outras lendas africanas*, de Magdalene Sacranie, Panda Books.
- *Sikulume e outros contos africanos*, de Júlio Emílio Braz, Editora Pallas.
- *Contos africanos dos países de língua portuguesa*, vários autores, Editora Ática.
- *As melhores histórias da mitologia africana*, de A.S. Franchini e Carmen Seganfredo, Artes Ofícios.

Filmes

Para discutir as relações sociais e o preconceito no Brasil

- *Vista Minha Pele* (2003, direção de Joel Zito Araújo)

Para conhecer outros quilombos

- *Quilombolas* (2013, documentário de Ale Maciel) – mostra as tradições de diversas comunidades quilombolas brasileiras – Disponível no site: <http://docverdade.blogspot.com.br/2014/01/quilombolas-2013.html>
- *Kalunga* (1982, documentário de Luiz Elias e Pedro Nabuco) – mostra resistência de comunidade quilombola no interior de Goiás.
- *Raça* – (documentário de Joel Zito Araújo e Megan Mylan) – aborda a luta pela igualdade racial e pelo título de posse de terras pelas comunidades quilombolas.
- *Disque quilombo* (2012, documentário de David Reeks, Gabriela Romeu) – em tom de brincadeira, crianças conversam sobre a vida nos quilombos do ES.

Livros – para a/o professora/or

- *Consciência negra no Brasil: os principais livros*. Cuti e Maria das Dores Fernandes, Mazza Editora.
- *Relações raciais e recursos didáticos – a utilização da música como suporte didático para o enfrentamento da questão racial na Escola Básica*, de Wilma de Nazaré e Baía Coelho, Nicelma Josenila Brito Soares, Maria do Socorro Ribeiro Padinha (coord.), Mazza Editora.

Site e música

<http://consciencianegra.prefeitura.sp.gov.br/>

“Raça”, de Fernando Brant e Milton Nascimento e outras músicas de Missa dos Quilombos - Disponível na internet.

Texto: Pedro Casaldáliga e Pedro Tierra

Música: Milton Nascimento

Catálogo na Fonte: Centro de Referência em Educação Mario Covas

S239n São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Núcleo de Inclusão Educacional. Narrativas quilombolas: dialogar - conhecer - comunicar (caderno de atividades) / Secretaria da Educação, Núcleo de Inclusão Educacional; organização, Silva, Silvane; Botão, Renato Ubirajara dos Santos; textos, Campos, Carmen Lucia. - São Paulo : SE, 2017. 76 p : il.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7849-742-2

1. Educação quilombola 2. Quilombos 3. Prática pedagógica 4. São Paulo (Estado) I. Silva, Silvane. II. Botão, Renato Ubirajara dos Santos. III. Campos, Carmen Lucia. IV. Título.

CDU: 376.74(815.6)

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO S/A – IMESP

Projeto gráfico e diagramação

Teresa Lucinda Ferreira de Andrade
Vanessa Merizzi

Tratamento de imagem

Leonídio Gomes
Tiago Cheregati

**Impressão e acabamento sob a responsabilidade
da Imprensa Oficial do Estado S/A – IMESP**

SUMÁRIO

ISBN 978-85-7849-742-2



9 788578 497422

